

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda Arcozelo (antiga Freguesia)**

código  
**AII-FO4-PA**

localização  
**Av. Embaixador Paschoal Carlos Magno, nº 450 (ou Estrada RJ-125, ou Av. Brasil, ou Avenida Sesquicentenário) – Arcozelo**

município  
**Paty do Alferes – RJ**

época de construção  
**século XVIII**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**espaço cultural / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**Governo Federal – FUNARTE**



fonte: IBGE - Miguel Pereira



Fazenda Arcozelo, fachada principal

coordenador / data **Mauro Ávila Reis / fev e jun 2009**  
equipe **Fabiano da Silva Rodrigues (levantamento de campo e autocad)**  
histórico **Adriano Novaes**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**



situação



ambiência

Localizada às margens da Rodovia RJ-125, próxima ao centro da cidade de Paty do Alferes, no bairro denominado Arcozelo, a propriedade está implantada entre esta estrada e a RJ-117, que margeia o Rio do Saco. Situada dentro de uma área urbana – o que facilita seu acesso –, a fazenda está rodeada de morros do tipo meia laranja.

Chega-se à propriedade de duas maneiras, ambas pela RJ-125. Uma delas por um acesso de pedestres, através de uma escada que desce até um portão em grade de ferro, inscrito em um pórtico com muro trabalhado (f01). Por este acesso, faz-se a visita ao espaço cultural, seguindo-se um caminho calçado em pedra e ladeado por pequenos jardins próximos à área de um grande jardim, antigo terreiro de café (f02), e o desnível da arquibancada do anfiteatro, à esquerda. Deste caminho já se tem uma visão da escadaria frontal e parte da fachada lateral da casa-sede.

O outro acesso, de veículos, localiza-se logo à frente, em uma curva da RJ-125, próximo do final da propriedade (f03), mantendo um portão também em grade de ferro que leva à parte final das construções, todas posteriores ao período do café, destacando-se os antigos silos (f04), que foram transformados em alojamentos no período da “escola de artes”. Contígua a esta edificação, está a escola para crianças do local, em estado de abandono em algumas partes, desenvolvendo-se até o limite da parte assobradada. À direita deste acesso, um jardim plano, outro antigo terreiro de café, limitado por um muro.

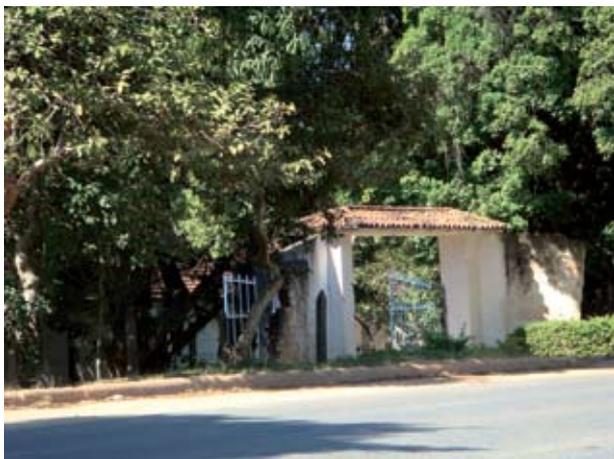
Nas margens da rodovia, e ao longo deste caminho até o limite do muro com grades, o terreno é utilizado como estacionamento de visitantes, e, a partir deste ponto, o acesso passa a ser calçado em pedras. Do lado direito, logo a seguir, entre o caminho e o muro de contenção, existe um coreto de forma octogonal, que abriga, no rés do chão, banheiros masculino e feminino.



01



02



03



04

Ao lado deste, uma capela, que se encontra interdita porque o forro ruiu (f05) e, a seguir, o anfiteatro, com sua arena em piso de terra batida (f06), totalizando onze linhas de assentos da arquibancada. O anfiteatro está limitado apenas por um aramado e parcialmente pelo muro do acesso de pedestres, rodeado por árvores que propiciam sombreamento e frescor e, nas duas laterais, por muros de contenção em pedras.

À esquerda do acesso de veículos, continuamente ao prédio da escola, destaca-se um sobrado onde Paschoal Carlos Magno viveu, e que, hoje, guarda os seus objetos pessoais (f07). Perpendicularmente a este sobrado, numa construção do mesmo período, há um refeitório, parcialmente interdito, que se estende até outra construção, usada para alojamento de participantes dos eventos culturais. Esta encontra-se locada paralela ao prédio mais longo, que é dividido ao centro por uma passagem, onde se localizam tanques e bancos em pedra (f08). Esta passagem liga-se a um jardim que leva às margens do Rio do Saco, transposto por uma ponte que, segundo informações, foi levada por uma enchente anos atrás, ficando somente seu pórtico com guarita, transformada em moradia. Fechando por completo este acesso, há um portão em taboas (f09).

Nas construções até o limite do sobrado, as técnicas construtivas não são contemporâneas às da casa-sede, porém o espaço compreendido entre o sobrado e o limite da construção em direção à casa-sede – onde se localizam a escola de dança, camarins, coxias, palco e plateia do teatro, salão de exposições, sala do piano, escritórios administrativos do espaço cultural e salão de recepção de visitantes –, apresenta arcabouço estrutural em madeira, fechamento de paredes em pau a pique e estrutura do telhado em madeira, evidenciando tratar-se de uma construção contemporânea à casa-sede, mas com adaptações ao uso atual, como piso cerâmico e varandas para circulação de visitantes ao redor da construção original, visivelmente destacada do caimento do telhado original pelo desnível e pela sustentação em pilares de tijolo maciço.

Como pode-se notar, a grande área plana que circunda toda a casa-sede era formada por antigos terreiros de secagem de café, divididos em tabuleiros por muros baixos, que foram transformados em jardins ou ocupados por construções novas.



05



06



07



08

A construção antiga, provável tulha, e seu prolongamento novo dividiram um dos antigos terreiros em dois grandes jardins, sendo que um deles configura-se como uma espécie de pátio entre as construções (f10) e o outro entre estas e o rio (f11). Nesta área há uma pequena capela em homenagem aos escravos que viviam na propriedade.

Voltado para a fachada de fundos da casa-sede, o imenso gramado plano (f12) dá a verdadeira dimensão dos terreiros de secagem de café e o muro baixo que os limitava rio acima, com a função de desviar as águas de seu interior, ainda aparece discretamente ao lado do alicerce de uma cerca aramada que fecha a propriedade nesta área. Os terreiros eram limitados transversalmente pelo rio e hoje pelo muro ao nível da rodovia, mas, no período do café, excediam a este limite.

Dando para a fachada lateral esquerda, a área plana um pouco abaixo do nível da casa-sede é pequena e, segundo informações, sofreu aterro para evitar alagamentos provenientes do rio, no período das chuvas intensas, não havendo indício de área de secagem de café deste lado da propriedade.

A única construção contemporânea à casa-sede restringe-se aos primeiros 40 m do prédio, em frente à fachada frontal. Ela mostra, em seu arcabouço estrutural em madeira, fechamentos de vãos em pau a pique, frechais e cunhais aparentes semelhantes aos do período, o que indica, em conjunto com a estrutura de seu telhado, tratar-se de uma parte da edificação original (f13).

A edificação que parece ter sido a antiga tulha ou engenho de beneficiamento – já que suas dimensões e altura comportariam uma ou outra função – sofreu uma reforma com a colocação de lajotas cerâmicas e a substituição dos caibros, ripas e telhas, por peças de produção comercial atual. Não foi identificada a força motriz que movia o engenho, assim, devido à sua localização, entre áreas planas do antigo terreiro de café, é mais provável que este prédio tenha servido a uma tulha. Recebeu também uma varanda baixa ao seu redor, sustentada por pilares de tijolos maciços, portanto, de um período mais recente (f14).



09



10



11



12



13



14

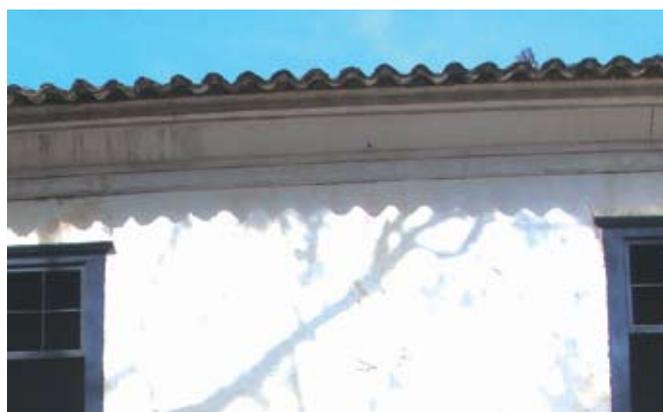
A casa-sede foi construída centrada em uma imensa área plana, sobre porão habitável, mantendo alicerces em pedra seca (f15), com arcabouço estrutural em madeira (madres, frechais, e cunhais, estes revestidos externamente por emboço), além de capitéis dóricos sobre os cunhais (f16). O coroamento é feito por uma cimalha simples formada por uma tábuia larga inclinada com frisos inferior e superior e, acima desta, duas tábuas em "L", uma sustentando a massa de fixação das telhas do beiral e outra fazendo o arremate ao longo das pontas dos cachorros (f17).



15



16



17

O telhado, com oito águas, apresenta na fachada lateral esquerda, o ponto da cumeeira mais alto devido a maior largura desta ala da construção (f18). Na ala esquerda, num ponto aproximadamente ao centro desta, surgem elementos construtivos que mostram que a construção original findava ali, como se depreende pelos diversos níveis da estrutura, com a variação de espessura dos contrabarrotes, da segunda etapa, de seções bem menores (f19). Os barrotes, também de seções menores, apresentam acabamentos menos brutos evidenciando essa mudança. Nos esteios expostos por deterioração das paredes do pátio interno, também ficam visíveis as diferenças de acabamento, pois os da primeira fase são apenas lavrados, enquanto que os da segunda são apicoados na superfície (f20). Mas onde mais se percebe o acréscimo da segunda fase é no telhado, assim, torna-se evidente um desnível na parte externa, visível na elevação que as telhas apresentam, de aproximadamente 0,15 m (f21). Neste ponto, o telhado terminava numa tacaniça – que não foi retirada pela nova trama do telhado (f22) – apresentando terminações laterais sobre os antigos cunhais que limitam os contrabarrotes e barrotes de seções mais avantajadas. O beiral completa a gama de evidências, possuindo um corte em diagonal mostrando que, naquele ponto, o telhado se encerrava com o fechamento da edificação (f23).



18



19



20



21



22



23

No arcabouço de madeira, o frechal do térreo – e madre do pavimento superior – e o frechal deste, apresentam também, neste ponto, os furos das varas do pau a pique (f24) como registro das antigas paredes de fechamento, confirmando que este acréscimo foi posterior ao término da construção inicial.

O formato da construção é o de um retângulo com pátio central, com acesso externo através de vão com grandes dimensões (f25), localizado sob o patamar central da escada de acesso ao pavimento superior.

A fachada frontal não apresenta simetria ou ritmo regular nas aberturas, porém mantém a portada principal e a escadaria de dois lances opostos sobre o eixo de simetria do conjunto (f26).

Os vãos estão desalinhados e apresentam tamanhos diversos, sendo vedados por esquadrias de linha comercial atual que, segundo informações, foram colocadas por ocasião da criação da escola de artes, em meados do século XX. Na extremidade direita, um portão em madeira vazada fecha um vão de acesso ao porão, fixado diretamente na parede, sem estrutura ou cercadura em madeira para sustentá-lo (f27).

A escadaria de acesso ao pavimento superior é dupla e simétrica (f28), possuindo dois lances de degraus com um patamar entre estes. No primeiro, há quatro pisos em concreto a partir de uma calçada do mesmo material e, no segundo, degraus em pedra de cantaria, assim como o patamar superior, mantendo neste uma jardineira em alvenaria, destoando das colunetas em pedra de cantaria, com capitel rebuscado.

A fachada lateral direita mantém a mesma conformação da frontal, com vãos de janelas e porta assimétricos ou sem ritmo com os vãos superiores (f29). Devido ao mau estado de conservação do beiral do telhado, decorrente de infiltrações, existe um tapume limitando uma área de segurança em toda a extensão desta fachada.



24



25



26



27



28



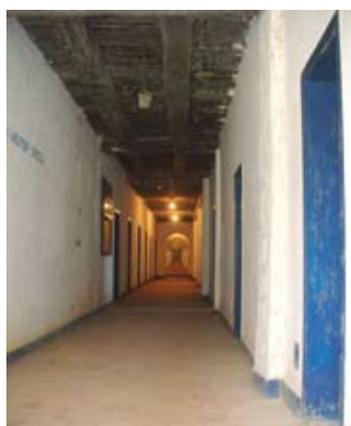
29

Na fachada de fundos foi acrescentada uma varanda em todo o seu alinhamento (f30), encobrendo sua fachada original (ver f15). Esta foi criada, segundo informações, no período de utilização da casa como hotel fazenda. No térreo, sob o alinhamento da varanda superior, há piso em lajota cerâmica, paredes de tijolo maciço em meia vez (f31), teto com peças de madeira comercial, como vigas de sustentação da laje de forro e estuque, sendo que o último cômodo funcionou como banheiro do alojamento. No pavimento superior essa varanda possui piso em tábuas corridas de seção comercial e um fechamento em estuque à meia parede entre as colunas de madeira que sustentam as esquadrias, além de forro guarda-pó, seguindo a inclinação do telhado (f32). Os vãos de todos os cômodos abrem-se como porta para esta varanda, apresentando indícios de que existia um peitoril – sendo, portanto, originalmente, janelas –, pois, em todas há o mesmo detalhe de recorte em suas ombreiras, que foi preenchido (f33). Evidenciando ainda mais a construção extemporânea da varanda, o forro desta interrompe a cimalha de acabamento do telhado original e os capitéis dos cunhais de canto (f34).

Na fachada lateral esquerda, como na oposta, não há simetria nas janelas do térreo, que variam em ritmo e dimensões, de acordo com as necessidades da época da “escola de artes”. No pavimento superior, há tanto simetria quanto ritmo, mas, quanto às dimensões, é visível a alteração de altura das janelas, nas quatro da primeira fase da construção desta ala, com as quatro da segunda fase, um pouco mais altas, e, portanto, mais próximas da cimalha, além de um pano cego na extremidade com a fachada frontal. O terreno até a margem do rio tem um nivelamento irregular e abaixo da calçada (f35). Neste pavimento, existem pontos em que o pau a pique está exposto, e, em alguns, o fechamento já ruiu por inteiro, tendo sido substituído por tijolos furados ou maciços, de acordo com a época de ocorrência.



30



31



32



33



34



35

Na fachada frontal, à esquerda da escadaria de acesso ao pavimento superior, apresentam-se dois acessos a compartimentos do porão habitável, sendo o do extremo esquerdo uma suíte criada e utilizada pelo idealizador da escola de artes, Paschoal Carlos Magno, como moradia durante seu período de implementação, funcionando, hoje, como alojamento, além do cômodo imediatamente ao lado, usado como depósito e acesso ao corredor do alojamento da ala esquerda (f36). Sob a escadaria, há um corredor com os acessos a dois depósitos, um de cada lado deste, aos quais pertencem as básculas retangulares da fachada, na altura dos patamares intermediários da referida escadaria.

A partir daí, há o único acesso direto ao pátio interno, calçado em lajes de pedra e com tanque em concreto ao centro (f37). Ainda na fachada principal, à direita da escadaria, há uma pequena báscula e a porta da sala dos vigilantes, que é separada do restante do porão por divisória, e, na extremidade direita, o acesso a um imenso espaço de exposições permanentes através de rampa e de um portão em madeira vazada (ver f27). Nesta área, explicita-se a intervenção de reforço estrutural, feita através de vigas e pilares de concreto e de pilares de concreto diretamente nos contrabarrotes (f38), além da adequação à atual utilização, com a implantação de rede elétrica e remanejamento de paredes, evidenciada pelo frechal sem sua parede irmã. Ao fundo desse salão de exposição, dois escritórios e outro salão anexo.

Adequando-se às novas necessidades de utilização dos espaços do porão, ao final da fachada lateral direita, existe uma porta que dá acesso a um corredor central paralelo à fachada de fundos, para o qual se voltam dezesseis quartos, tendo, ao seu final, no canto com a fachada lateral esquerda, um banheiro coletivo. Na fachada lateral esquerda, encontram-se os sete quartos do alojamento feminino, que também são divididos com paredes de tijolos furados (f39), mantendo uma circulação paralela ao pátio interno em toda sua extensão. Ao fim desse corredor, uma porta liga ao depósito voltado à fachada frontal.

No segundo pavimento, no alto de sua escada de acesso (ver f25), encontra-se a portada principal, com esquadria em duas folhas almofadadas em madeira, de padrão atual, não tendo sido conseguida nenhuma informação sobre a portada original, ou sobre a época de sua substituição.



36



37



38



39

Chega-se ao segundo pavimento através de um salão que teve seus piso e forro substituídos por outros em madeira no padrão atual (f40), com janelas e portas para a fachada frontal e para o pátio interno. Para o seu lado esquerdo, há dois quartos e, já na ala lateral esquerda, uma longa circulação para a qual voltam-se, como no porão, os quartos femininos. Para a direita, ainda a partir do acesso principal, chega-se ao segundo salão, também com piso e forro substituídos por madeira em padrão atual (f41), porém sendo mantido o formato deste último em gamela (f42). Apresenta janelas tanto para a fachada frontal como para a lateral direita (f43) e porta de acesso à ala direita da construção, que mantém um corredor central ao longo de todo o seu transcurso, com assoalho mantido (f44).



40



41



42



43



44

Ultrapassando-se a portada do salão, à esquerda, há um *hall* de acesso à varanda voltada ao pátio interno, com piso já em padrão comercial atual (f45), para o qual voltam-se dois banheiros. Para o corredor central, voltam-se sete quartos, mas, antecedendo-os, logo após os banheiros individuais, mais dois banheiros, sendo estes coletivos, com entradas alternadas, uma para o corredor interno e a outra para a varanda externa.

Os quartos com janelas voltadas à varanda interna apresentam dimensões originais (f46). Já os quartos abertos para a fachada lateral direita tiveram as paredes intermediárias suprimidas em uma reforma, segundo informações, para utilização como hotel fazenda, apresentando dimensões alteradas também em relação ao seu corredor de acesso, indicadas pela paginação do assoalho e interrupção do rodapé (f47).

Prosseguindo, na circulação central, há um corredor perpendicular à esquerda (f48), que dá acesso, novamente, à varanda interna. Neste, portas duplas levam a um quarto e a uma sala com banheiro anexo.



45



46



47



48

Rebatida com esta, há outra sala semelhante ladeando o final do corredor central, e o conjunto – pelo revestimento do arcabouço estrutural em madeira trabalhada e pela paginação do piso, além dos detalhes de requinte no acabamento nos portais dos vãos de acesso (f49 e f50) – poderia constituir-se, originalmente, num grande salão que ocuparia toda a largura do final da ala direita da casa-sede, indo da fachada lateral direita até a varanda interna. Por fim, a sala na qual desemboca o corredor central, com teto em pronunciada gamela (f51), dá acesso a uma saleta, à esquerda, e à varanda de fundos.

A varanda de fundos foi construída posteriormente, o que se evidencia pelos materiais empregados e pela sobreposição da cimalha do antigo limite da construção em sua fachada de fundos. Para ela, estão voltados quatro salas e dois quartos separados por um *hall*. Na sala que interliga as varandas de fundos e interna, há um cômodo destinado para banheiro, com paredes parcialmente demolidas, piso em ladrilho hidráulico e porta interligando-o ao aqui aventado antigo salão, subdividido pelo corredor central da ala lateral direita (f52).



49



50



51



52

Os quartos seguintes, até quase o fim da varanda de fundos, dão acesso tanto a esta como à varanda interna. Apresentam porta e janela para a interna e duas portas para a externa (f53 e f54). No extremo esquerdo dessa ala de fundos, há dois pequenos quartos voltados a uma circulação dupla que se interliga ao grande corredor de circulação paralelo ao pátio interno, por toda a extensão da fachada da ala lateral esquerda (f55).

Este corredor teve sua largura ligeiramente diminuída – como demonstram os frechais com os furos do pau a pique – deslocando a parede original, para aumentar a área dos quartos a que dá acesso. As novas paredes foram feitas em tijolo maciço, assim como as divisórias entre os quartos (f56), mostrando, em alguns cômodos, o mal estado de conservação das paredes externas (f57).

No fim do corredor, uma porta dá acesso a uma circulação (f58), que mantém evidências no assoalho de ali ter havido uma escada interna, porém sem confirmação no cômodo correspondente no pavimento inferior, que teve seu forro refeito além de obras de alvenaria. Outro elemento que corrobora para isto é a existência de um pano cego de alvenaria – as janelas aí existentes são fora de padrão – na extremidade da fachada esquerda com a frontal, reforçando ainda mais as evidências de ali poderia ter havido a caixa de uma escada interna.

Terminando o perímetro, já na circulação da ala para a qual se volta à fachada frontal, um quarto, que teve sua parede divisória suprimida, mas deixando evidências de sua divisão (f59) e, a seguir, a porta que dá acesso ao salão de entrada do segundo pavimento (f60).



53



54



55



56



57



58



59



60

Os frechais demonstram, em vários pontos, que a divisão original era bem diferente daquela, fruto da reforma ocorrida por ocasião da utilização como hotel fazenda (ver f56). A tacaniça original da fachada de fundos (antes da varanda ali colocada posteriormente) evidencia o final da construção original (ver f22) e seus frechais, também coincidentes com este final, tinham furos para receber a trama do pau a pique da parede de fechamento.

A reforma ocorrida no telhado – com a substituição do madeiramento (caibros e ripas) e a reutilização das mesmas telhas – criou uma incompatibilidade entre ripas e telhas, provocando o deslizamento destas (f61). Isto aconteceu, pois as ripas de madeira comercial (lisas) não têm a mesma aderência que as ripas de palmito (ásperas). O deslizamento provocou infiltrações em muitos pontos da trama do telhado, transferindo, desta forma, a umidade para seu madeiramento, forros (f62), paredes (f63) e para o arcabouço estrutural (f64), provocando recalques em diversos pontos da estrutura e das alvenarias (f65), além de desencadear desmoronamento do barro do pau a pique em diversos pontos dos fechamentos destes (f66).

Tantas foram as intervenções na casa-sede, que não seria possível elencá-las separadamente da descrição arquitetônica interna, uma vez que quase todos os cômodos e espaços sofreram obras, de acordo com as necessidades de cada período e/ou utilização, tendo sido descritas em cada um destes ambientes.

Nas salas 04 e 06, os fechamentos em pau a pique apresentam um detalhe curioso, pois, em alguns pontos da trama de sua estrutura, não é usada a ripa de palmito e sim um cipó mais espesso, mas, tanto uma quanto o outro, amarrados com cipós finos, havendo, entretanto, em alguns outros pontos, ripas usadas com pregos de ferreiro (f67 e f68).



61



62



63



64



65



66

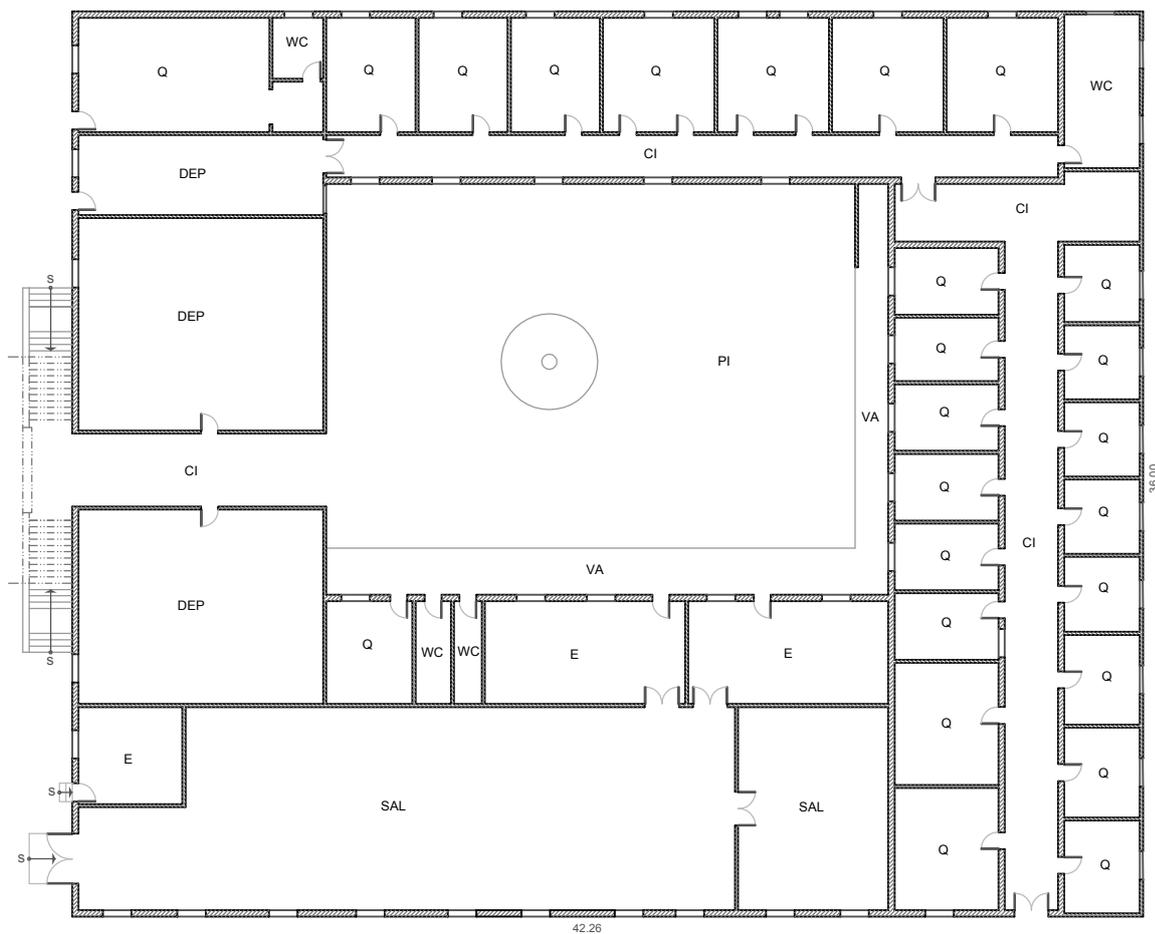


67



68

**FAZENDA ARCOZELO**

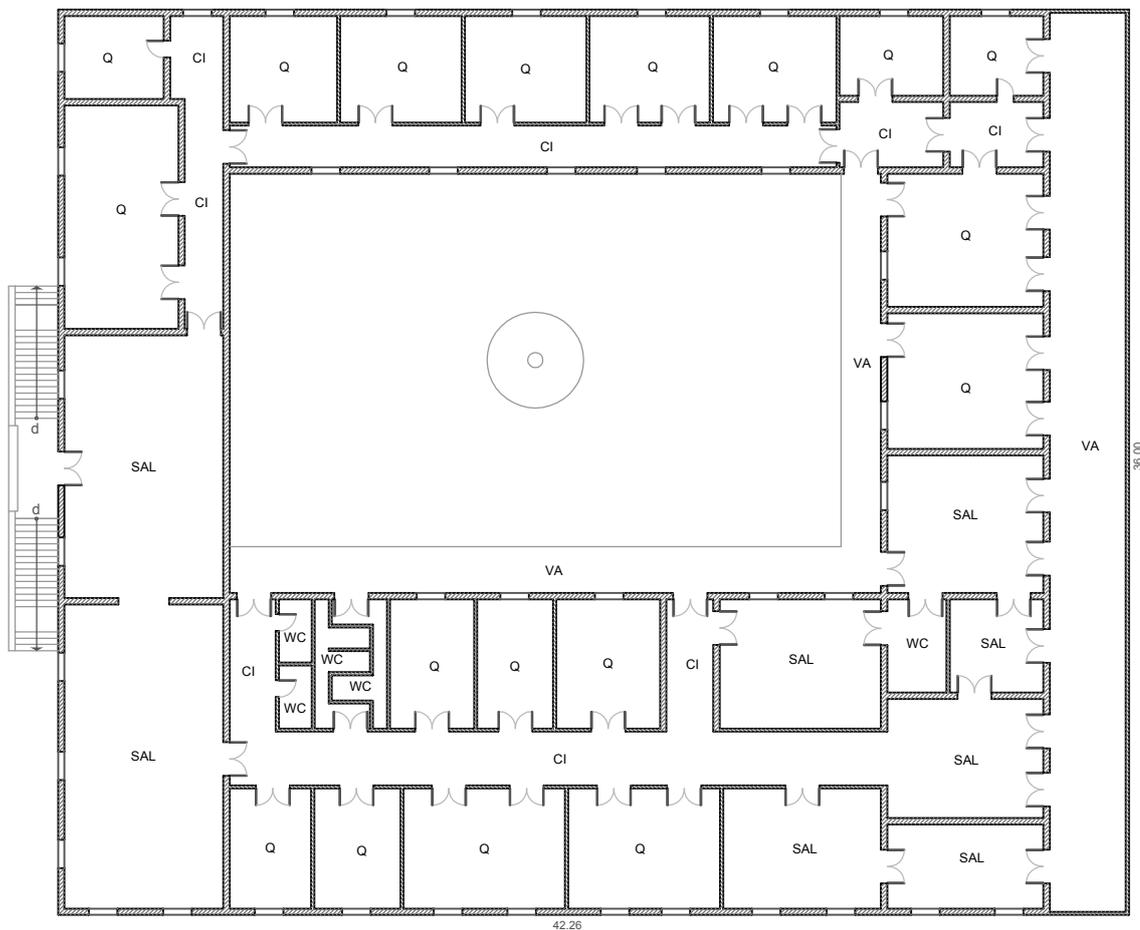


**1** Planta Baixa da Sede - Térreo  
 escala: 1/300



CI - circulação	E - escritório	PI - pátio Interno	WC - Banheiro	alvenaria existente
DEP - depósito	SAL - salão	VA - varanda		alvenaria demolida

**FAZENDA ARCOZELO**



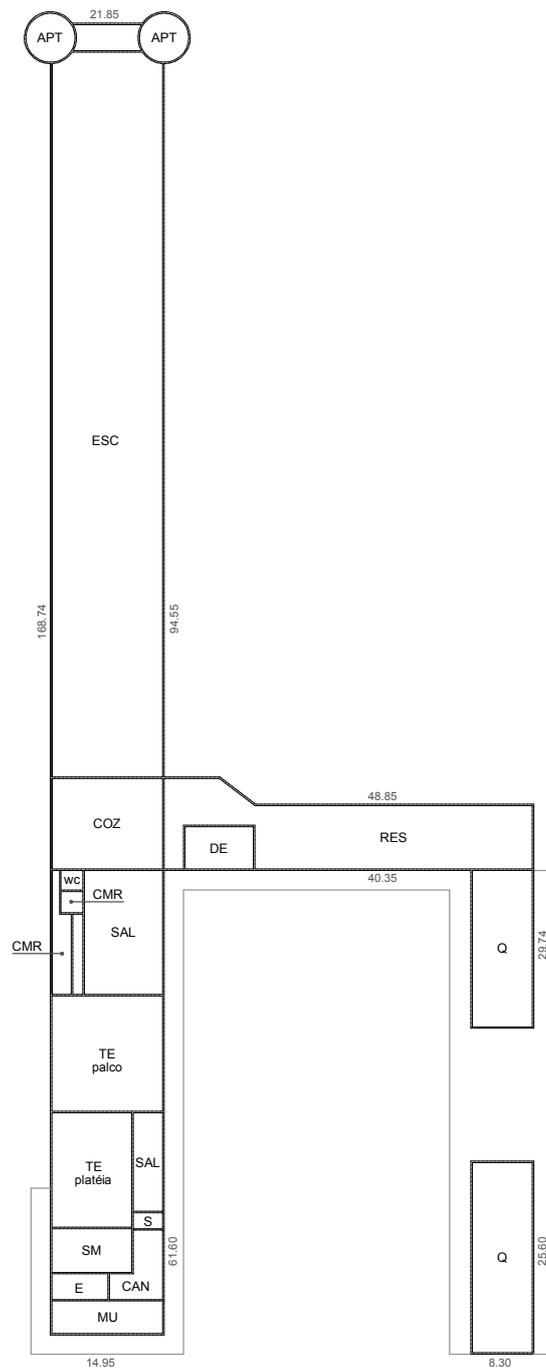
**1** Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento  
 escala: 1/300



CI - circulação      SAL - salão      VA - varanda  
 Q - quarto          PI - pátio interno      WC - banheiro

————— alvenaria existente  
 - - - - - alvenaria demolida

**FAZENDA ARCOZELO**



1

**Planta Baixa - Espaço Cultural**

escala: 1/1000



APT - apartamento	COZ - cozinha	ESC - escola	RES - restaurante	SM - sala de música	alvenaria existente
CAN - cantina	DE - despensa	MU - museu	S - saleta	TE - teatro	alvenaria demolida
CMR - camarim	E - escritório	Q - quarto	SAL - salão	WC - banheiro	

Uma das mais antigas do Vale do Paraíba, a Fazenda Arcozelo, se confunde em alguns aspectos, com a própria história da Região, principalmente da cidade de Paty do Alferes.

A antiga Fazenda Freguesia, sua denominação original, foi fundada nas primeiras décadas do séc. XVIII, pelo alferes e mais tarde capitão Francisco Tavares. Foi em terras de sua fazenda que, em 26 de abril de 1739, foi benta a primitiva capela de Nossa Senhora da Conceição, dando início ao primeiro núcleo urbano da antiga vila de “Nossa Senhora da Conceição de Serra Acima da Roça do Alferes”, embora já tivesse um outro oratório na fazenda, que atendia como capela à população local, desde 1720.

As terras da fazenda foram adquiridas por Tavares ao escrivão e alferes Leonardo Cardoso da Silva, senhor de grande quantidade de terras na região.

Construída às margens do Caminho Novo de Garcia Rodrigues, no local onde já existia um rancho de tropas, a Fazenda Freguesia continuou sendo parada obrigatória dos tropeiros, atendendo aos passantes com hospedagem e comércio de cereais.

Em princípios do século XIX, as fazendas Freguesia e Maravilha, com 547,8 alqueires geométricos de terra e 452 escravos, foram adquiridas pelo capitão-mor Manuel Francisco Xavier e sua esposa D. Francisca Elisa Xavier<sup>1</sup>, grandes beneméritos da vila de Paty do Alferes, responsáveis inclusive, pela edificação da nova matriz de Nossa Senhora da Conceição, iniciada em 1820 (STULZER, 1944, p.58).

Pouco tempo depois de adquirida a fazenda, Xavier tomou uma decisão um tanto arbitrária e resolveu impedir o trânsito no importante Caminho para Minas, que cortava sua fazenda, por achar que tal estrada atrapalhava sua lavoura.

Os fazendeiros da região protestaram e recorreram à Câmara da Vila. Manoel Francisco Xavier pediu licença para abertura de nova estrada fora de suas terras. O caso chegou à Corte, e Sua Alteza Real o Príncipe Regente, mandou sustar o pedido de abertura de nova estrada (MUNIZ, 2005).

Em 1838, um fato ocorrido na Fazenda Freguesia marcaria para sempre a história desta fazenda e da escravidão no Vale do Paraíba a “Revolta de Manuel Congo”, considerada a maior, ocorrida em todo o Vale<sup>2</sup>.

Tudo começou com o capataz da Fazenda Freguesia que matou o escravo africano Camilo Sapateiro a tiros, quando este ia sem autorização para a Fazenda Maravilha. Os escravos tentaram linchar o capataz, mas foram contidos. Nenhuma punição foi dada ao assassino e o clima de revolta se estabeleceu nas senzalas das duas fazendas.

Manuel Francisco Xavier tinha má fama entre os colegas fazendeiros (desde o desafeto do fechamento do trânsito por sua fazenda). “*Há muito tempo que se receava o que hoje acontece, por fatos que se têm observado entre esta escravatura*”, escreveu Francisco Peixoto de Lacerda Werneck (futuro barão de Paty do Alferes), num dos memorandos produzidos no calor da revolta escrava. Homens brancos, feitores e capatazes teriam sido espancados e até assassinados pelos escravos, nas fazendas de Xavier. Escravos seriam castigados até morrer. Haveria muita injustiça. Falta de ordem e falta de pulso. Lacerda Werneck era o porta-voz do temor geral de que essa situação contaminasse outras fazendas e se alastrasse pela região.

Manuel Francisco Xavier faleceu em 20 de agosto de 1840. Sua viúva, D. Francisca Elisa Xavier, tornou-se a Baronesa de Soledade, nome este em função de seu palacete em Niterói<sup>3</sup>. O casal criou, 8 filhos adotivos, que alguns historiadores acreditam ser do guarda-mor com outras mulheres. A Baronesa faleceu em seu palacete no dia 12 de outubro de 1855.

Por testamento, as fazendas Freguesia e Maravilha couberam ao filho de criação, o tenente coronel Gil Francisco Xavier – mais conhecido como “Gil da Freguesia”.

Em fins do século XIX, Gil Francisco Xavier hipotecou a Fazenda Freguesia, nesta ocasião com 360 alqueires e 202 mil pés de café, ao Dr. Joaquim Teixeira de Castro, mais tarde Visconde de Arcozelo, como garantia de um empréstimo para saldar dívidas de jogo. Não tendo condições de resgatar a hipoteca, a fazenda passou para seu credor, o dito Castro.

Gil Francisco Xavier foi casado com D. Enidia Francisca Feijó Xavier, falecida depois dele, não deixando filhos. Faleceu em 19 de novembro de 1880, aos 53 anos de idade, na mais profunda miséria. Só não foi enterrado com indigente graças à ajuda de Manuel Francisco Bernardes, grande latifundiário na região. (STULZER, 1944, p.59).

Em 1874, Joaquim Teixeira de Castro solicitou ao Rei de Portugal, D. Luiz I, o título de “Visconde de Arcozello”, nome da vila de Portugal onde nasceu (freguesia de São Miguel de Arcozelo, Conselho de Vila Nova de Gaia), alegando que o título já era de sua família. O título foi concedido pelo Rei e Joaquim passou a ser o visconde de Arcozello, em 1876. Foi nesta época que nome da Fazenda Freguesia foi mudado para Arcozelo.

Joaquim Teixeira de Castro – Visconde de Arcozelo - nasceu em 1825 na Freguesia de Arcozello no Porto. Chegou ao Brasil na década de 1840 (1848/1849), formado em Medicina, embora haja controvérsias sobre sua profissão (há quem afirme ter sido formado em Direito). Tendo contato com Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, foi convidado por este para se tornar médico em suas fazendas em Paty do Alferes. Não tardou e casou-se com uma de suas filhas, Maria Isabel, a caçula da família.

Com a morte do sogro, o barão de Paty, em 1862, os viscondes de Arcozelo receberam de herança de 62:005\$120. Pela herança tornou-se proprietário da Fazenda Monte Alegre com todos os seus pertences, terras, café e 131 escravos; da Fazenda Manga Larga com 74 escravos, animais, gado, móveis, terras e cafezais e da Fazenda

Palmeiras com casa de negócio e moradia, benfeitorias, 10.000 pés de café, 86,25 alqueires, entre outros bens.

Com a morte da sogra - a baronesa de Paty do Alferes - em 1866, o casal Arcozelo recebeu nova herança. Segundo a saudosa historiadora Célia Muniz, tudo indica que o objetivo de Joaquim era reunir as fazendas mais antigas da família e associar ao título concedido em Portugal e por isso de maior credibilidade do que os títulos do Império do Brasil, tornando-se um nobre mais importante do que os demais membros da família<sup>4</sup>. Para conseguir seus intentos, Joaquim abriu, no Rio de Janeiro, uma Casa Comissária de Café, em sociedade com Luiz de Malafaia. A firma, denominada "Teixeira de Castro & Malafaia", foi instalada na Rua Municipal, nº 12. O visconde de Arcozello, além de comissário de café exercia em Vassouras a atividade de usurário "*socorrendo financeiramente aqueles que necessitavam de dinheiro urgente*".

Adquiriu também, de seu cunhado Luiz Peixoto, a Fazenda Piedade, que ele havia recebido de herança do pai. Por essa transação, tornou-se dono da fazenda mais tradicional da família Werneck, construída pelo bisavô do barão de Paty, Manoel de Azevedo Mattos.

Em 1887 foi dissolvida a sociedade Teixeira de Castro & Malafaia, ficando somente o visconde e seu filho, que continuaram o negócio em outro endereço (Rua do Catete, 159).

Em 1891 faleceu o visconde de Arcozello. Seu filho mais velho Ernesto e um outro sócio mantiveram a Companhia até 1893, quando foi pedida sua liquidação. Arcozelo deixou um patrimônio avaliado em 571:999\$500 que correspondia às fazendas Monte Alegre, Freguesia, Piedade, Manga Larga e aos sítios Santa Thereza, Cachoeira, além de prédios no Rio de Janeiro, terrenos em Iguazu, bens em Portugal, ações de companhias e dívidas ativas. Os filhos receberam 55:947\$099 (MUNIZ, 2005).

Embora tenha deixado boa fortuna à esposa e filhos, a situação financeira do visconde já não ia tão bem quanto parecia. Em seu inventário, a viscondessa pediu ao juiz dos órfãos permissão para fazer um empréstimo de 130:000\$000 por 6 meses a juros de 10% com o Banco do Brasil, a fim de cobrir as dívidas que seu falecido esposo havia contraído com um sócio em duas firmas de intermediação<sup>5</sup>.

No famoso diário da viscondessa de Arcozello, escrito durante o ano de 1887, podemos ver detalhes do cotidiano de uma família atípica para a época, assuntos como as doenças, as viagens, fenômenos atmosféricos que atrapalhavam a colheita do pouco café que, nesta ocasião, as fazendas produziam. (MUNIZ, 2005).

Com o declínio da lavoura cafeeira causado pela superexploração do solo com plantações de café, no início do século XX a Fazenda Arcozelo passou a explorar somente gado leiteiro.

Graças à propaganda do médico infectologista Miguel da Silva Pereira a partir da década de 1930, o excelente clima da região passou a ser conhecido nacionalmente. Isto atraiu muitos veranistas procedentes da cidade do Rio de Janeiro e, assim, a fazenda foi transformada em hotel em 1945.

Pouco mais de dez anos depois, a fazenda foi loteada e a parte com as edificações tornou-se propriedade de João Pinheiro Filho, que, em 1958, a doou ao embaixador Pascoal Carlos Magno<sup>6</sup> com o propósito de ali criar uma escola de teatro e local de retiro de artistas. O centro cultural Aldeia de Arcozelo foi inaugurado em 1965. Pascoal Carlos Magno construiu no local o Anfiteatro Itália Fausta, o Teatro Renato Vianna, duas galerias de arte, biblioteca, restaurante, bar e uma área reservada para hospedagem dos participantes de eventos lá realizados. Foi construída também uma pequena capela dedicada à memória dos escravos que lá viveram. Na sua frente foram escritos os nomes dos escravos julgados pela revolta de Manuel Congo; dentro foram colocadas imagens de santos negros hoje reverenciados como a Escrava Anastácia e instrumentos para castigos de escravos usados à época.

A área total do complexo cultural é de 51.000 m<sup>2</sup>, localizando-se a cerca de 2 km do centro do município de Paty do Alferes.

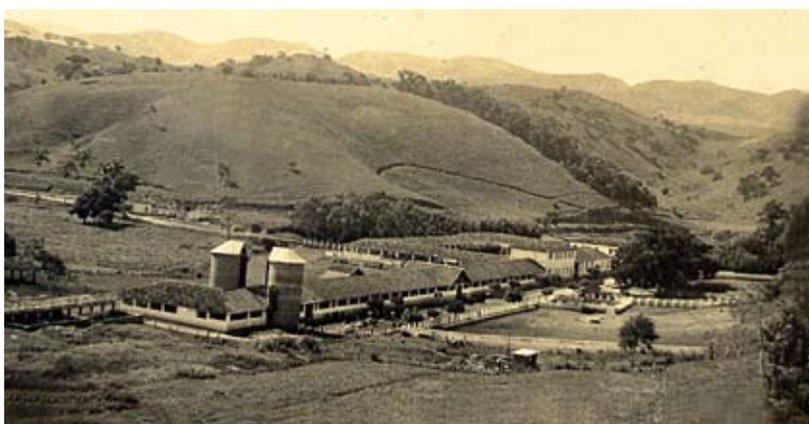
Atualmente a Fazenda Arcozelo é administrada pela FUNARTE - Fundação Nacional de Arte, do Ministério da Cultura.



Fazenda Arcozelo, s.a., s.d. (início do século XX)



Fazenda Arcozelo, s.a., 1922



Fazenda Arcozelo, s.a., c.1950

<sup>1</sup> Nasceu na Ilha do Faial, Açores, filho de Felipe José Xavier e Mariana Rosa da Trindade. Casou em 4 de setembro de 1804 com Francisca Elisa Xavier, filha de José de Oliveira Ribeiro e Maria Vitória da Conceição, descendente de pioneiros moradores da região de Paty do Alferes, oriundos da capitania de São Paulo e integrantes da família Leme. Não teve filhos com sua esposa. O inventário dos bens deixados em herança feito em 1840, dois anos depois da revolta de Manuel Congo, relaciona 449 escravos dos quais 85% eram homens e 80% eram africanos. Os testemunhos da época contam que não era muito bem quisto na região, pois, teve muitos conflitos judiciais com vizinhos. Entrou em disputa política com o sargento-mor, depois padre, Inácio de Sousa Werneck. A briga familiar, que durou até 1824, fez com que vários colonos deixassem a região.

<sup>2</sup> No dia 5 de novembro de 1838, cerca de oitenta escravos da Fazenda Freguesia aproveitaram a calada da noite para fugir. Uma fuga que revelou uma concentração e organização entre insurretos. Mas, ainda havia mais, pois na madrugada seguinte ei-los na outra fazenda do mesmo proprietário, a Maravilha, juntando também a escravaria deste estabelecimento. Os fugitivos agora eram centenas. Talvez 400. Durante dias seguiram pelas matas em direção à Serra de Santa Catarina (Vale das Videiras). Uma fuga em massa como essa, de qualquer forma, era algo incomum e assustador. No dia 8 de novembro, o Juiz de Paz de Paty do Alferes informava ao coronel-chefe da Guarda Nacional na região, Francisco Peixoto de Lacerda Werneck (mais tarde Barão de Paty do Alferes), pedindo-lhe providências, em prol "da ordem e do sossego público". Em 48 horas Lacerda Werneck tinha mobilizado uma força de algumas centenas de homens. E lá se embrenhou ele no mato, atrás dos fugitivos. No dia 11 de novembro, às 5 da tarde nas proximidades da Fazenda de Santa Catarina, narra Lacerda Werneck, num de seus memorandos, "*sentimos golpes de machado e falar gente*". Tinham localizado um primeiro grupo de escravos. Estes se deram conta da presença dos perseguidores, porém. "*Fizeram uma linha*", mobilizaram suas armas, "*umas de fogo, outras cortantes*", e gritaram: "*Atira caboclo, atira diabos*". Lacerda Werneck prossegue: "*Este insulto foi seguido de uma descarga que matou dois dos nossos e feriu outros dois. Quão caro lhes custou! Vinte e tantos rolaram pelo morro abaixo à nossa primeira descarga, uns mortos e outros gravemente feridos, então se tornou geral o tiroteio, deram cobardemente costas, largando parte das armas; foram perseguidos e espingardeados em retirada e em completa debandada...*" No dia seguinte, mais fugitivos foram apanhados. Ficaram alguns grupos vagando pela floresta de Santa Catarina, de outros não mais se soube, outros ainda voltaram às fazendas. Foram presos os líderes da rebelião, inclusive Manuel Congo, acusado de ser o "rei" do eventual futuro quilombo, e Mariana Crioula a "rainha". Causou espanto, no processo, a participação desta Mariana na rebelião, ela que era "*uma crioula de estimação de dona Francisca Xavier*", isto é, uma escrava doméstica, considerada das mais dóceis e confiáveis. Lacerda Werneck contou que ela só se entregou "*a cacete*" e gritava: "*Morrer sim, entregar não*". Foram indiciados dezesseis fugitivos no processo. Em janeiro de 1839 deu-se o julgamento. Manuel Congo foi condenado à morte, acusado de ser responsável pelas duas mortes ocorridas entre os perseguidores. Oito réus foram absolvidos. Sete foram condenados a "*650 açoites a cada um, dados a cinquenta por dia, na forma da lei*", além do que deviam andar "*três anos com gonzo de ferro ao pescoço*". O susto, para a boa sociedade de Vassouras, município o qual Paty do Alferes fazia parte, tinha passado, mas fora grande. Alarmou a província e ecoou pelo Império. Um destacamento do Exército, com cinquenta homens, chegou a ser enviado da corte a Vassouras. No comando: o tenente-coronel Luís Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias e patrono do Exército brasileiro. O destacamento não precisou atuar, porém. Chegou a 14 de novembro, quando o levante já fora dominado. (trechos do artigo de Roberto Pompeu de Toledo, publicados na Revista Veja – Edição 1.444 - Ano 29 – 15/05/1996).

<sup>3</sup> Foi agraciada com o título de nobreza em razão de suas obras de benemerência, através do decreto de D. Pedro II, de 2 de dezembro de 1854.

<sup>4</sup> Em 16 julho de 1875, Dr. Joaquim Teixeira de Castro recebia em suas fazendas Monte Alegre e Arcozelo, em elegante acolhida, o excelentíssimo Conde D'Eu e sua comitiva.

<sup>5</sup> Em novembro de 1892, as dívidas totais da propriedade chegavam a 214:000\$000. Ela não conseguiu negociar com o banco e conseguiu, através de um capitalista, um adiantamento de 150:000\$000 por três meses a 10% de juros mediante a hipoteca de uma propriedade urbana no Rio de Janeiro (MUNIZ,2005).

<sup>6</sup> Paschoal Carlos Magno nasceu no Rio de Janeiro em 1906 e faleceu na mesma cidade em 1980. Animador cultural, produtor, crítico, autor e diretor teatral. Foi uma personalidade fundamental na dinamização e renovação da cena brasileira, fundou o Teatro do Estudante do Brasil e o Teatro Duse, entre tantas outras iniciativas.